

Terra Arrasada

I

“No meio do caminho tinha uma pedra / Tinha uma pedra no meio do caminho / Tinha uma pedra / No meio do caminho tinha uma pedra / Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas / Nunca me esquecerei que no meio do caminho / Tinha uma pedra / Tinha uma pedra no meio do caminho / No meio do caminho tinha uma pedra”

(Drummond – No Meio do Caminho, citado novamente, e sempre que necessário)

II

Um dos relatos mais impressionantes que eu conheço é a versão do Namyrr para as tentativas históricas de invasão do solo russo. Primeiro pela França de Napoleão Bonaparte, em 1812, e posteriormente pela Alemanha de Adolf Hitler, em 1941.

Contada com empolgação e sangue nos olhos, ela me afasta da antiga e por vezes modorrenta História aprendida nos bancos escolares.

Desta última, narrada de maneira politicamente correta, até empertigada, me recordo era um macro-relato, portanto impessoal, portanto incompleto, repleto de desdobramentos políticos cujo único interesse que despertavam em mim era tirar nota suficiente para passar de ano na escola.

Vale dizer, sendo vazias de calor humano, daqueles micro-relatos que nos dizem respeito direto, do barro de que somos feitos, aquelas aulas me confinavam à mera compreensão mecânica da História. Pois os meus doutos professores nunca souberam, ou não puderam, dá no mesmo, percorrer a ponte no seu sentido inverso, que vai do pequeno ao grande, do indivíduo à coletividade, da parte ao todo.

Daí porque oficialmente eu nunca ouvi falar da vovó Olga, anciã rabugenta que chutou o traseiro de um soldado alemão antes de ser covardemente atacada à baioneta por outro, pelas costas. E que, prestes a morrer, teria se arrastado por longos cinquenta metros até a vizinha mais próxima, lhe pedindo que avisasse o exército comunista da chegada dos alemães na fronteira, provocando a desocupação do solo e concomitante destruição de tudo pelo caminho, estratégia militar conhecida com o nome de terra arrasada, e que mais tarde viria a desgraçar os objetivos de Hitler, tal como fizera no passado a Napoleão.

Inverdade que fosse, o suposto heroísmo da vovó Olga não alteraria os rumos da História, mas certamente teria encontrado em mim um aluno mais cativo e interessado.

No relato que o Namyrr nos traz, diferentemente da monotonia oficial sobram pedaços de botas degustados sob os rigores do inverno russo como se finas iguarias fossem, autênticos filés de couro e borracha.

Lascas das nádegas dos cadáveres encontrados pelo caminho são transformadas em uma ceia familiar, talvez a última, e por isto mesmo compartilhada com fraternidade e devoção.

Tudo porque o Namyr não doura a pílula. Apresenta o ser humano em toda a sua crueldade, sem, contudo, fazer de seu relato um souvenir dessa mesma crueldade.

E do que eu concluo que historiar é uma Ciência. E sugiro ao leitor que historiar sem desumanizar a História, possivelmente uma Arte.

A partida comentada de hoje nos traz um clássico da produção capixaba. Está seguramente entre as partidas mais significativas jogadas no Espírito Santo e nos mais de trinta e dois anos de federação capixaba, quem quer seja o comentarista.

É uma partida de choque, de interesse tanto para historiadores do xadrez capixaba como para curiosos espalhados pelo território nacional, de passagem pelo site da FESX.

III

Souza Filho, Namyr C x Bittencourt, Jorge H. M – Final do Estadual 2003 – Vitória – A34 (Terra Arrasada)

1. Nf3! ...

Cavalo! Como sói a uma verdadeira batalha.

1. ... Nf6!

Bittencourt também monta seu corcel negro e desembainha a espada!

2. c4 c5

3. Nc3 d5

4. cxd5 Nxd5

5. g3 Nc6

Até este momento, somente a infantaria e a cavalaria haviam jogado, de ambos os lados.

6. Bg2 Nc7

7. O-O e5!

Bittencourt segue à risca todas as cartilhas militares! Controle férreo de várias casas centrais, ativação sumária das peças leves, preparação para o roque. Em pouco tempo, iniciará uma autêntica *blitzkrieg* contra o seu adversário.

8. d3 Be7

9. Be3 O-O

10. a3 Be6

11. Rc1 b6
12. Nd2 ... (?)

A interrogação acima não é indicativa de erro, não. É de dúvida mesmo.

O quê Namyr pretende fazer? Qual é sua estratégia? Afinal, até o momento o bi-campeão sequer passou da terceira fileira.

Como diria o Tarcisião, citando o ex-campeão mundial Max Euwe, “Trata-se de um lance misterioso...”.

12. ... Nd5
13. Nxd5 Bxd5
14. Qa4 Nd4!

Este cavalo adentra o território contrário com a força de um panzer. Ou ainda, em referência ao amigo e enxadrista Bruno Stollenwerk, o brasileiro mais alemão que eu conheço, e vice-versa, *panzerkampfwagen*!

Embora nada esteja decidido, a qualquer mortal o conjunto das peças pretas parece mais robusto na partida.

15. Rfe1 b5
16. Qa6 Bxg2

Bittencourt parte para as simplificações, das quais habitualmente sai vitorioso.

17. Kxg2 Qb6
18. Qxb6 axb6
19. f3 f5!

Seguindo o comando de seu general, os soldados pretos avançam, roliços e confiantes!

20. f4 Bf6
21. Bxd4 exd4
22. Rc2 Rfe8
23. Nf1!! ...

Terra arrasada!!

Este lance não tem absolutamente nada a ver com xadrez. É um lance de humildade militar, com o qual Namyr atrairá o adversário para dentro de seu próprio solo, onde travarão a batalha decisiva.

23. ... Kf7
24. Kf3 g6
25. Nd2 Ke6

26. Ra1 Kd5!

Bruto! Rei forte no centro.

27. b3 Ra6

28. Rca2 Rea8

29. a4 Bd8

30. g4 Bc7

31. gxf5 gxf5

32. Nf1 bxa4

33. Rxa4 Rxa4

34. Rxa4 Rxa4

35. bxa4!! ...

Este peão encarna o espírito da vovó Olga!!

Note o leitor a estrutura de peões pretos na ala da dama. Eles querem avançar. Mais do que isto, eles precisam avançar. Estão em maioria. Seu comandante lhes dá total suporte no centro do tabuleiro.

Contudo, incrivelmente, não há como prosseguir.

A estratégia de Namyr deu certo, e a vovó Olga de **a4** desta vez ficará viva para contar sua história aos netos.

35. ... Ke6!

O lance do texto só é bom porque isto já não é mais uma análise enxadrística, e sim uma aula de História proporcionada pelos dois jogadores!

Em meio à nevasca do inverno russo, sob quase quarenta graus abaixo de zero, as pretas recuam de sua incursão pela ala da dama. E o fazem atendendo a um comando de seu Estado-Maior.

36. Nd2 Kd5

37. h3 Bd6

38. Nc4 Bc7

39. Kg3 Kc6

40. Na3!! ...

Namyr deixa bem claro: na vovó ninguém toca!!

40. ... Kd5

41. Nc4 Kc6

42. Nd2 Kd5

43. Nf3 Ke6??

Após o lance acima, Jorge Bittencourt abandonou a partida. Seu erro lhe custaria o peão de **h7**, e, dentro de mais alguns lances, o Rei.

Contudo, eu tomarei a liberdade literária de acrescentar um último lance ao texto:

44. Cg5+!!!!

Quatro!!!!, uma para cada pata do cavalo.

E tinha que ser com o mesmo que iniciara a batalha! A propósito, qual era mesmo a cor do cavalo branco de Napoleão? A esta altura já era vermelho-sangue.

Ao menos é assim que vejo este lance derradeiro, não acontecido de fato. Com o cossaco Namyr, que enfrentara todas as intempéries climáticas e o avanço das tropas contrárias, montando este corcel das estepes para ir ter com o seu destino histórico e libertador em **h7**.

Sem dúvida, uma peleja de sangue, suor e lágrimas.

1-0

IV

Em “Nós que Aqui Estamos por Vós Esperamos” (1999), o Diretor Marcelo Masagão nos sensibiliza com um relato poético-cinematográfico acerca dos conflitos do século vinte, baseado na obra “Era dos Extremos: o Breve Século XX: 1914-1991”, do historiador britânico Eric Hobsbawm.

Dotada de inspiração divina, a película nos conduz à compreensão do todo histórico por meio das inúmeras pequenas grandes histórias individuais que o compõem, muitas delas fictícias – o que torna o resultado final ainda mais sublime!

Ou se o leitor preferir pela citação que o filme traz do artista francês Christian Boltanski, *“Em uma guerra não se matam milhares de pessoas. Mata-se alguém que adora espaguete, outro que é gay, outro que tem uma namorada. Uma acumulação de pequenas memórias...”*.

A partida ilustrada teve igualmente um final grandioso neste sentido. A vitória de Namyr resultou, posteriormente, no tri-campeonato de Rogério Zanon.

Tal como muitos anônimos que tombaram sob o rigoroso inverno russo não viveram para retomar sua terra de origem, Namyr não experimentou a glória de ser campeão capixaba em 2003.

A história desta partida porém não se deslustra com este fato. Muito pelo contrário. Em virtude dele é que ela se torna ainda mais gloriosa e provida de sentido.

Assim como os que pereceram para que seus filhos sobrevivessem à guerra, Namyr lutou até o último homem da trincheira rival esmorecer, abrindo caminho para o posterior título de Zanon.

Do que pelos próximos mil anos o nome de Rogério Zanon ecoará nos relatos históricos como campeão capixaba de 2003.

E do que pelos próximos mil milênios constará nos livros de História uma citação a 2003 como o ano em que Namyr Carlos de Souza Filho ergueu diante de Jorge Bittencourt uma fortaleza inexpugnável.

*